



A RECEPÇÃO DO PENSAMENTO DE SIMONE DE BEAUVOIR NO CONTEXTO BRASILEIRO NOS ANOS 1960

Juciana de Oliveira Sampaio¹

No presente trabalho pretendo fazer reflexões iniciais a respeito da recepção do pensamento de Simone de Beauvoir no meio intelectual brasileiro na década de 1960. Busco investigar a influência que teve na constituição de identidades de mulheres, na produção do conhecimento referente aos estudos de gênero e feministas, bem como na trajetória pessoal e acadêmica daquela geração. Para tanto seria necessário um levantamento de trabalhos (acadêmicos e jornalísticos) produzidos sobre Beauvoir, de trabalhos que focam trajetórias de mulheres envolvidas nos movimentos e/ou que trabalham com teorias feministas, analisar entrevistas e depoimentos de mulheres que durante o período viviam sua juventude nas universidades e/ou militando em movimentos sociais ou partidos políticos e notícias que tratam especificamente sobre sua passagem pelo país no ano de 1960. Mas, visto o momento inicial da pesquisa, usarei algumas fontes bibliográficas que contêm declarações de intelectuais que, de alguma forma, tiveram contato com a obra de Beauvoir e por esta foram influenciadas. Com relação a passagem da feminista francesa pelo Brasil, usarei o trabalho de Luís Antônio Cantatori Romano sobre a passagem de Sartre e Beauvoir em 1960 pelo Brasil.

Este período foi escolhido por dois motivos. Primeiro: no Brasil a questão da construção dos papéis sexuais foi posta em discussão com maior vigor nesta década², por feministas que estavam presentes tanto nos movimentos sociais (feminismos³) quanto na academia. Estes estudos – produzidos por mulheres, sobre mulheres e para mulheres – estavam preocupados com a questão da mulher e tratavam dos mais variados temas, tais como discriminação e violência contra a mulher, a mulher no mercado de trabalho, constituição de uma cidadania feminina, participação da mulher nos processos de produção e de reprodução, a questão da dupla jornada feminina, participação na política, etc. Neste contexto de forte contestação política e conceitual, os trabalhos produzidos centravam suas preocupações no combate ao machismo tanto no conhecimento (procurando transformar o tema mulher num campo legítimo de saber) quanto na sociedade de uma forma geral, possuidora de fortes traços patriarcais.

¹ Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Maranhão (PPGCS – UFMA).

² Dentre os trabalhos pioneiros, estão: *A mulher na construção do mundo futuro*, de Rose Merie Muraro, publicado em 1966, *A mulher na sociedade de classes: mito e realidade*, de Heleieth Saffiot, publicado em 1969; *A sexualidade da mulher brasileira: corpo e classe social no Brasil*, de Rose Merie Muraro, publicado em 1971.

³ Coloco no plural para dá a idéia de que este não era um movimento unificado, e sim que agia em diversas frentes.



Os estudos desse momento estavam centrados na questão de fortalecimento da identidade feminina. Nesse sentido, procuravam denunciar e enfatizar que os papéis masculinos e femininos hierarquicamente estabelecidos, no qual o homem possui um status elevado com relação à mulher, eram históricos e socialmente produzidos, portanto livres de qualquer natureza, desmistificando assim a “essência feminina”. Nesse momento foi criada a distinção entre sexo e gênero, o primeiro como sendo referente aos elementos biológicos (corpo, genitália) e o segundo como a interpretação deste na cultura.

A influência da filósofa feminista francesa Simone de Beauvoir é marcante nesse momento, devido, principalmente, ao seu trabalho intitulado *O Segundo Sexo*, que continha a frase que iria ressoar durante décadas em frentes de contestação política de cunho feminista e em trabalhos acadêmicos sobre gênero, a saber:

Ninguém nasce mulher: torna-se uma. Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no meio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado que qualificam de feminino (BEAUVOIR, 1980, p. 09).

Deixando evidente o caráter construído dos papéis sexuais, os postulados de Beauvoir contidos no livro *O segundo sexo*, publicado no ano de 1949, circularam por muitos países ao redor do mundo.

Em meio a essa efervescência de idéias, recebemos no ano de 1960 a visita do casal Beauvoir-Sartre. Esse é o segundo acontecimento que motiva a realização deste trabalho. A passagem deles aconteceu entre 12 de agosto a 21 de outubro, seguindo o seguinte trajeto: Recife – Salvador – Rio de Janeiro – São Paulo – Minas Gerais – Brasília – Fortaleza – Amazônia – Recife, ciceroneados por outro celebre casal de escritores brasileiros, Jorge Amado e Zélia Gattai:

Amado acena para uma série de convites de universidades brasileiras, que lhes permitiriam percorrer todo o país, a começar por Recife, onde deveriam participar da sessão de abertura do I Congresso Brasileiro de Crítica e História Literária. Sartre estava informado de que a revolução Cubana era simpática a muitos brasileiros; consciente do impacto que sua figura intelectual causara por aqui, concorda em tornar-se instrumento de divulgação da revolução vitoriosa (ROMANO, p. 110).

Como podemos perceber, a vinda de Simone de Beauvoir ao Brasil se deu por outros meios que não fazem ligação direta com os nascentes movimentos feministas e discussões sobre a condição feminina. Incentivado por Jorge Amado e a convite da Universidade Federal de Recife, Sartre toma a decisão de vir ao Brasil acompanhado de Simone de Beauvoir e aproveita a oportunidade para divulgar a revolução que acabara de acontecer em Cuba. É importante observar que, como narra Romano (2002), a decisão de vir ao Brasil partiu de Sartre e não de Simone de Beauvoir.



O trabalho de Romano, que pretende fazer uma reconstituição da passagem de Sartre e Beauvoir pelo Brasil em 1960 de forma a confrontar o material jornalístico e os depoimentos pessoais com as considerações de Beauvoir em seu livro de memórias, traduzido pelo nome de *Sob o Signo da História* (BEAUVOIR, 1965), em que ela narra a viagem feita ao Brasil, por vezes centra-se na repercussão que a passagem de Sartre acarretou, sob o pano de fundo de fazer uma recepção do pensamento existencialista no Brasil. O autor chama atenção para a mordacidade da imprensa brasileira ao atribuir o sucesso das conferências realizadas por Beauvoir sobre a condição feminina à presença de Sartre, expressa na seguinte passagem:

O Jornal do Brasil atribui a Simone de Beauvoir a condição de “esposa” de Sartre e parece creditar a isso o seu sucesso de público. *Última Hora* estampa em título uma visão semelhante: “Sartre levou multidão para ouvir Simone”. Mesmo sem estar presente à conferência, Sartre recebe os louros pelo êxito de sua “esposa” (ROMANO, 2002, p. 150).

Essa falta de atenção dedicada a Beauvoir dada tanto pela imprensa como pelos meios acadêmicos parece ser a justificativa para a centralidade que dá ao filósofo existencialista Sartre em seu trabalho. A idéia de também analisar a passagem de Beauvoir pelo Brasil parece ir se reduzindo ao uso que o autor faz de seus diários, contrastando-os com as notícias que saíram na imprensa brasileira sobre a chegada de Sartre, as expectativas geradas pela presença do então polêmico e respeitado intelectual, bem como sua permanência por mais de dois meses.

Falar da influência que as idéias de Beauvoir teve para uma determinada geração de mulheres, acadêmicas e militantes, é lugar comum. Muito se fala da importância da obra *O Segundo Sexo*, do pioneirismo das idéias ali contidas, do questionamento de regras, da quebra de mitos referentes a vivência de mulheres. Entretanto, quando voltamos nossos olhares para trabalhos que tratem especificamente sobre a repercussão do pensamento de Beauvoir entre nós, pouco é encontrado. Segundo Joana Borges (2008), não existe até o momento um estudo que trate da repercussão de *O Segundo Sexo* no Brasil, apenas publicações comemorativas aos cinquenta anos do livro. Em sua pesquisa, encontrou comentários a respeito das leituras de *O Segundo Sexo* pelas brasileiras. Ela afirma que:

O conhecimento sobre a singularidade de *O Segundo Sexo* e a importância de sua autora no cenário de discussões brasileiras aconteceu, inicialmente, ainda na década de 1950, por pessoas que tiveram um contato mais próximo com as leituras estrangeiras, e se intensificou durante os 60 e 70, quando informações sobre a repercussão do texto em outros países foram difundidas entre os círculos literários, provocando uma procura pela leitura nos meios acadêmicos, intelectuais e de militância feminista. Esse contato também foi se fortalecendo à medida que as informações chegavam através das pessoas exiladas e pela visita da autora francesa ao Brasil em 1960 (BORGES, 2008, p. 4).

Para além da importância que a obra teve aos feminismos no Brasil e a toda produção acadêmica sobre estudos de gênero, gostaria de chamar atenção para as representações que fizeram



da própria escritora e o papel a ela creditado no processo de emancipação das mulheres. Segundo Garcia, o impacto gerado por Beauvoir não decorreu apenas de seus escritos “feministas”, *O Segundo Sexo* mais especificamente, mas de sua obra romanesca e memorialística. “Tanto quanto suas idéias, a experiência vivida de Beauvoir, exerceu enorme influência, criando novos paradigmas existenciais” (GARCIA, 1999, p. 82). Ele sugere que uma pesquisa sobre o impacto das *Memórias de uma moça bem comportada* sobre as intelectuais brasileiras, que tiveram papel importante no (re)nascimento do feminismo no país poderia oferecer elementos significativos para a reconstrução da cultura política que antecedeu e influenciou esse movimento de fins dos 70 e dos 80.

Inúmeras são as declarações que servem para ilustrar a influência da “experiência vivida”, como chama Gracia, de Beauvoir na constituição e no fortalecimento das subjetividades de intelectuais feministas brasileiras. Rosiska Darcy de Oliveira narra da seguinte forma sua relação com o referido livro de memórias da escritora:

Eu acho que o feminismo começou, para mim, com clareza mental, com percepção clara quando eu acabei em prantos, chorando pela primeira vez, ao ler um livro. Foi a primeira vez que eu chorei ao ler um livro, em geral se chorava em cinema, aqueles filmes bem românticos e as meninas de treze anos choravam muito. E eu não chorava muito ao ver os filmes, mas acabei soluçando com um livro chamado *Memórias de uma moça bem comportada*, da Simone de Beauvoir, que eu dei então a todas as pessoas de quem eu gostava. Eu comprei esse livro e distribuí para todas as minhas amigas. Eu estudava no Instituto de Educação. Quando nós saímos do Instituto de Educação, um grupo de adolescentes que se formou com dezessete anos, nós plantamos uma árvore no colégio, de maneira nostálgica, para marcar a nossa passagem. E na raiz dessa árvore que nós plantamos, nós enterramos algumas das coisas que eram fundamentais, e enterramos um decálogo de princípios dos quais o primeiro, eu me lembro ainda, era não respeitarás portas fechadas. E a outra coisa que nós enterramos, foi o livro *Memórias de uma moça bem comportada* debaixo da árvore, está lá até hoje. Essas meninas de dezessete anos que fizeram esse gesto foram, no meu entender, as feministas de primeira hora. Isso significa o seguinte: que o feminismo tinha um germe, desde menina, na profunda tentação da liberdade, que dizer não respeitarás portas fechadas. Naquela época, as portas estavam todas fechadas para as mulheres, sem nenhuma dúvida. Então, nós saímos por aí, abrindo portas. Foi essa a trajetória que eu fiz a minha vida inteira, foi abrir portas de todos os tipos” (OLIVEIRA, 1992, p. 56-57).

Nessa narrativa a feminista Rosiska de Oliveira conta com emoção como ocorreu sua aproximação com as ideias de Beauvoir. Mais do que referência para elaboração de trabalhos acadêmicos, Oliveira chama atenção para um ato simbólico que representa o compartilhamento de uma experiência que acredita ser próxima a sua.

Galvão fala que os escritos de Beauvoir são pioneiros para a orientação das mulheres e discussão de sua condição, mas também chama atenção para seu “modelo de vida” que pôs em evidência assuntos que eram compartilhados sem receber a devida importância:

De Simone de Beauvoir sempre vale a pena lembrar que, antes dela e de seus escritos, nada havia para orientar as mulheres em busca de esclarecimento quanto a sua condição e à diferença que sua condição implica. Como modelo de vida, ora recebia aplausos ora restrições, dependendo da oportunidade e da companhia. E foi alvo de ataques cruéis em seu país. Mas se não fosse ela, nem saberíamos que certos assuntos que nos preocupavam eram dignos de reflexão. Porque, o que intuíamos mas não chegávamos a formular, só os assuntos masculinos eram universais e constituíam matéria nobre (GALVÃO, 1999, p. 65).



Savigneau coloca as mulheres, de uma forma geral, como descendentes diretas de Beauvoir, ressaltando seu posicionamento frente a costumes que ditavam determinados comportamentos esperados por mulheres:

Queiramos ou não, somos as descendentes desta mulher sem filhos, desta velha senhora de turbante fora de moda, de olhar tenso, que, obstinadamente, durante mais de 60 anos, apesar das calúnias, insultos e do desespero, afirmou que nascer mulher não é um erro (SAVIGNEAU, apud LOBO, 1999, p. 57-58).

Mariza Corrêa, na apresentação feita ao *Cadernos Pagu* da edição que comemora os 50 anos da obra *O Segundo Sexo*, credita a Beauvoir todos os feminismos do século XX. Na fala a seguir podemos perceber que a influência de Beauvoir é marcante para feministas desta geração que se relacionam com seus escritos e sua vivência, mesmo de forma indireta.

O século está acabando e os feminismos deste século devem tudo, ou quase a ela. Cada uma de nós, a sua maneira, se relacionava com Simone e com seus escritos de uma maneira peculiar, mas para nós todas ela tinha sido uma marca, uma influência, ainda que indireta (...) É cedo para avaliar a sua contribuição à literatura feminista ou de ficção – mas todas nós temos a certeza sobre o impacto que essa literatura teve sobre nós e sobre o feminismo” (CORRÊA, 1999, p. 7).

Heleieth Saffioti (2000) fala sobre a proximidade que as intelectuais brasileiras sentem ter de Beauvoir, expressas na forma mesmo em que fazem referência à escritora, colocando o artigo antes de seu nome.

Quando nós falamos da Simone, dizemos a Simone, da Simone e quando nos referimos a Sartre, é de Sartre; nós não o tratamos com a intimidade com a qual tratamos Simone. E aqui estou fazendo um exercício de dar a ambos o mesmo tratamento, sem colocar o artigo antes do nome dela. Vamos ver se eu consigo ir até o fim. Pode ser que eu deslize, escorregue enfim (SAFFIOTI, 2000, p. 17).

Ao falar sobre Beauvoir, Saffioti diz que esta a influenciou também na sua vida pessoal ao inspirá-la com o modelo de relacionamento mantido com Sartre, que a fez viver em casa separada a do marido.

Como podemos perceber entre as intelectuais citadas, é unânime a opinião de que as ideias de Beauvoir exerceram e continuam exercendo forte influência não só para a formação dos estudos de gênero e de cunho feministas na produção brasileira, mas também para a constituição das identidades dessa geração de mulheres, pois, ainda de acordo com Saffioti, essa geração inteira passou pela obra de Simone de Beauvoir, enquanto que as jovens de hoje não a lêem. Reconstituir esse percurso torna-se de fundamental importância para o entendimento de como surgiu e se consolidou um campo de estudos e de como ocorreu o fortalecimento de uma parcela de mulheres que se identificavam com esta figura que é considerada pioneira do feminismo surgido no século XX.

Com relação a passagem de Simone de Beauvoir pelo Brasil em 1960 é necessário uma pesquisa apurada em jornais do período que precedeu sua vinda e durante sua permanência no



Brasil enfocando principalmente o tratamento destinado a figura da filósofa afim de ajudar a reconstruir o cenário em que se deu a chegada dessas idéias que contribuíram para definir os estudos sobre gênero e feministas.

Bibliografia:

- BEAUVOIR, Simone de. *O Segundo Sexo*. Volume I: fatos e mitos. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.
- _____. *O Segundo Sexo*. Volume II: a experiência vivida. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.
- _____. *Sob o Signo da História*. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1965.
- BORGES, Joana Vieira. *Leituras feministas no Brasil e na Argentina: circulações e apropriações*. In: Anais do Fazendo Gênero 08. Florianópolis, 2008.
- CORRÊA, Mariza. Apresentação. In: *Cadernos Pagu*. V. 12. Campinas, 1999.
- GALVÃO, Walnice Nogueira. Três facetas de uma escritora. In: *Cadernos Pagu*. V. 12. Campinas, 1999.
- LOBO, Beth. A vida como obra. In: *Cadernos Pagu*. V. 12. Campinas, 1999.
- OLIVEIRA, Rosiska Darcy de. Entrevista. In: *A revolução das mulheres: um balanço do feminismo no Brasil*. Org.: Moema Toscano e Mirian Goldenberg, Rio de Janeiro: Editora Revan, 1992).
- ROMANO, Luís Antônio Contadori. *A passagem de Sartre e Simone de Beauvoir pelo Brasil em 1960*. Campinas, SP: Mercado de Letras: São Paulo: Fapesp, 2002.
- SAFFIOTI, Heleieth. O segundo Sexo à luz das teorias feministas contemporâneas. In: Um diálogo com Simone de Beauvoir e outras falas/ Organizado por Alda Britto da Motta, Cecília Sardenberg e Márcia Gomes. Salvador: NEIM/UFBA, 2000.